

Supletivo atrai 17 mil em Brasília

Primeira etapa da prova para Ensino Médio teve abstenção de aproximadamente 25% dos inscritos

LÚCIA LEAL

Dos 20.960 candidatos que se inscreveram para o exame supletivo do Ensino Médio, cerca de 75% (um número próximo a 17 mil pessoas) compareceram à primeira parte das provas, realizadas em duas etapas ontem, em 33 pontos do Distrito Federal. A informação é da Gerência de Exames da Secretaria de Educação do DF.

No próximo domingo, os candidatos voltarão às salas de aula para a segunda parte do exame, com as provas de Matemática, Geografia e Filosofia, de manhã; e Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), História e Química à tarde.

O número preciso de abstenção deverá ser divulgado durante a semana. No ano passado, o exame supletivo do Ensino Médio inscreveu 18.343 candidatos e a abstenção foi de 55,48%. O número é considerado significativo pelo gerente de Exames, Edson de Sousa Gonçalves.

"Como a inscrição é gratuita, os alunos parecem não levar muito a sério as provas, só que há muita gente envolvida no processo do exame, muito tra-

balho. Pretendemos lutar para estabelecer alguns critérios para a inscrição, visando diminuir a evasão", afirmou Gonçalves.

De acordo com ele, 970 funcionários da Secretaria de Educação estão envolvidos na realização do exame. Para o supletivo do Ensino Médio foram elaboradas 177.760 provas. "Há as fases de elaboração das provas, de fiscalização das provas, de correção, de elaboração do gabarito, de publicação dos resultados e de confecção dos diplomas", diz o gerente.

Para a coordenadora das provas no Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul (Cesas), Maria de Fátima Gonzaga, só mesmo a vontade de vencer na vida para encorajar pessoas de todas as idades a enfrentar as salas de aula e os livros de novo.

"As pessoas que vêm fazer a prova são as que estão decididas, já passaram pela fase, e pela idade, de pular de um emprego para outro, se contentando com um salário mínimo. Elas sonham com o vestibular, com os concursos. Essas perceberam a mudança dos tempos, querem melhorar, investir nelas próprias", diz.



Dalva: "Até para ser doméstica é preciso ter o segundo grau, os patrões estão mais exigentes"

Candidatos não viram dificuldades

Quem compareceu à primeira parte das provas, das disciplinas de Português/Redação, Artes, Biologia, Física e Sociologia, disse que não encontrou dificuldades. Rald Siqueira de Oliveira, de 20 anos, afirmou que nem estudou muito e, como avalia, fez uma boa prova.

Rald quer prestar vestibular para Educação Ambiental no segundo semestre do ano que vem. "Preciso de um tempo para estudar para o vestibular, porque o supletivo deixa a desejar em termos de

conteúdo". Para ele, que parou de estudar com 18 anos para poder trabalhar, todo tempo agora será dedicado aos estudos. "Chega de cortiço. Agora a hora é de correr atrás do prejuízo".

No caso de Dalva Maria do Nascimento Rocha, de 31 anos, não teve cortiço. Ela parou de estudar com 17 anos na 6ª série do Ensino Fundamental porque se casou, teve filhos e ficou cuidando da família. Sem estudos, ficou difícil voltar ao mercado de trabalho.

"Até para ser doméstica é preciso ter o segundo grau. Os patrões hoje estão mais exigentes, porque a empregada não só lava, passa e cozinha, mas também funciona como secretária, anota recados, faz compras, pagamentos, leva crianças à escola. São tarefas de muita responsabilidade". Dalva quer fazer Enfermagem. "Vi a necessidade de crescer como pessoa e profissional. Sem estudo sei bem que é impossível, ninguém te respeita".

Exemplo de perseverança

O vigilante Eduardo Cardoso, de 52 anos, também sabe bem o que é enfrentar um mercado de trabalho cheio de preconceitos e sem ter o nível exigido nas ofertas de emprego. Até o ano passado, ele só era alfabetizado – uma situação que persistia desde os 15 anos de idade.

"Minha família era pobre, não tinha condições de bancar estudo, porque a escola era de graça, mas tinha que ter dinheiro para a condução, para o material escolar, os livros e meus pais não tinham condições de bancar tudo isso".

Nesse tempo, dos 15 anos, quando começou a trabalhar, até os 51 anos, em 2002, Eduardo Cardoso fez de tudo na vida. Foi vendedor de picolé, engraxate, camelô, sergente, ajudante de pedreiro e também experimentou a angústia de ficar desempregado por várias vezes.

"Não dava mais para continuar assim. Decidi voltar a estudar. Foi difícil, mas minha família me ajudou muito. Sem ela, não teria reunido força suficiente para enfrentar o preconceito e as barreiras. Com 50 anos a memória não é a mesma não é?".

No ano passado, Cardoso concluiu o Ensino Fundamental, prestou concurso para Agente de Vigilância no Ministério das Relações Exteriores, foi aprovado, e agora espera ter o Ensino Médio. "Quero crescer no meu emprego e para isso preciso ter estudo. Meus filhos estão estudando comigo".

Cardoso tem quatro filhos, sendo que dois estão na faculdade e dois finalizando o Ensino Médio. "Servi de exemplo para eles, por isso nunca pensaram em deixar de estudar. Eles são meu orgulho e eu o deles".